



**PENSATA  
SOBRE MENINOS POBRES, QUASE TODOS  
NEGROS, BATENDO LATAS:  
EMANCIPAÇÃO OU ALIENAÇÃO?**

**About Poor Boys, almost all Black, Beating Cans:  
Emancipation or Alienation?**

**Sobre Niños Pobres, casi todos Negros, Golpeando  
Latas: ¿ Emancipación o Alienación?**

Miguel Pacífico Filho (UFT)\*

\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. Professor  
do Curso de Gestão de Cooperativas

Endereço: Avenida Campos Elíseos nº 600 - Setor Noroeste. CEP:  
77824-60, Araguaína – TO.

Email: miguilim01@terra.com.br

## Resumo

O objetivo da pensata é questionar a validade de empreendimentos sociais baseados na formação de grupos de “bate-latas” cuja finalidade aparente é a reinserção social de indivíduos em situação de vulnerabilidade educacional e econômica. Para tanto, percorremos historicamente, as iniciativas desenvolvidas durante a Colônia e o Império, no Brasil, com o propósito de demonstrar que há um *continuum* de tentativas de desenvolvimento, e conseqüente ineficácia, de iniciativas do gênero desde o início da formação da sociedade brasileira. Buscamos sustentação teórica em Marx, Marcuse e Merriam. O primeiro, Marx, nos apresenta discussões sobre o conceito de emancipação, cujo desenvolvimento está baseado numa subdivisão que se compõe de emancipação política e emancipação humana. O

segundo, Marcuse, nos fornece discussões acerca da construção de padrões culturais hegemônicos. Merriam e suas reflexões sobre a antropologia da música nos fornecem subsídios para assimilar aquilo que chamou de função social da música. Buscamos demonstrar dados recentes e relativos ao mundo do trabalho, no Brasil, os quais expõem a gritante desigualdade que atinge a população negra em termos de ocupação e remuneração. Concluimos que a fragilidade dos empreendimentos sociais baseados no “bate-latas” nos permite questionar sua validade enquanto geradores de emancipação.

## Palavras chave

Emancipação, Desenvolvimento, Negros.

## Abstract

The aim of this pensata is questioning the validity of social enterprises based on the formation of groups of bate-latas (beat-cans) whose apparent finality is the social reintegration of individuals in a situation of educational and economic vulnerability. Thereunto, we historically examined, in Brazil, the initiatives established during the Colony and the Empire in order to demonstrate that there is a continuous of development attempts, and the consequent ineffectiveness of such initiatives since the start of the formation of Brazilian society. We pursue for theoretical support in Marx, Marcuse and Merriam. The first one, Marx, presents discussions about the concept of emancipation, whose development is based on a subdivision composed by political emancipation and human emancipation. The second one, Marcuse, provides us with debates about the construction of hegemonic cultural standards. Merriam and his reflections on the anthropology of music affords subsidies to assimilate what he called the social function of music. We seek to present recent data concerning the world of work in Brazil that expose the glaring inequality that affects the black population in terms of employment and remuneration. We conclude that the fragility of social enterprises based on bate-latas (beat-cans) allows us to question its validity as generators of emancipation.

## Keywords

Emancipation, Development, Blacks.

## Resumen

El objetivo del pensata es cuestionar la validez de emprendimientos sociales basados en la formación de grupos de bate-latas (golpea-latas) cuya finalidad aparente es la reinserción social de individuos en situación de vulnerabilidad educacional y económica. Por

tanto, recorreremos históricamente, en el Brasil, las iniciativas desarrolladas durante la Colonia y el Imperio con el propósito de demostrar que hay un continuum de tentativas de desarrollo, y consecuente ineficacia, de iniciativas del género desde el inicio de la formación de la sociedad brasileña. Buscamos la sustentación teórica en Marx, Marcuse y Merriam. El primero, Marx, nos presente discusiones sobre el concepto de emancipación, cuyo desarrollo está basado en una subdivisión que se compone de emancipación política y emancipación humana. El segundo, Marcuse, nos ofrece discusiones acerca de la construcción de patrones culturales hegemónicos. Merriam y sus reflexiones sobre la antropología de la música nos proporciona subsidios para asimilar aquello que llamó de fundación social de la música. Buscamos demostrar datos recientes y relativos al mundo del trabajo en Brasil que exponen flagrante desigualdad que alcanza la población negra en términos de ocupación y remuneración. Concluimos que la fragilidad de los emprendimientos sociales basados en los golpea-latas nos permite cuestionar su validez en cuantos generadores de emancipación.

## Palabras clave

Emancipación, Desarrollo, Negros.

I

Darcy Ribeiro, no documentário baseado no clássico O Povo Brasileiro, diz ao telespectador em tom de exaltação, de alerta e de cobrança: “o mais importante é pensar o Brasil que nós queremos”. Trata-se de uma proposição, indubitavelmente, baseada na ideia da construção de um devir. Inúmeros setores da sociedade brasileira debatem e propõem projetos cujo objetivo primeiro é pensar e, até mesmo, construir o Brasil que se quer. Entre esses muitos projetos, vemos as ações sociais que se dedicam a levar emancipação social a comunidades carentes, através da música e da dança, como

forma de estruturar identidades e, supostamente, criar mecanismos de ruptura com uma realidade social na qual estão inseridas. Acreditamos que, aqui, cabem algumas perguntas: é possível alterar realidades sociais estruturadas ao longo de séculos a partir de algumas poucas aulas de dança e música, supostamente adequadas a um determinado grupo social? É possível reverter estereótipos criados sobre visões de mundo cuidadosamente alicerçadas num *modus vivendi* que prioriza padrões estéticos e comportamentais a partir da utilização pura e simples da dança e da música? É possível municiar, de maneira eficaz, populações historicamente marginalizadas com alguns poucos passos de uma dança e música que idilicamente lhes são apresentadas como suas raízes?

A ideia da reinserção e adequação de setores sociais marginalizados à lógica cotidiana da sociedade brasileira não é nova na história do Brasil. Encontramos na Colônia e no Império propostas que demonstram a existência de um *continuum* no que diz respeito a tais práticas. Tal permanência demonstra, também, a incapacidade histórica da sociedade brasileira de agregar, indistintamente, indivíduos oriundos de setores sociais menos favorecidos. Essas iniciativas, analisadas agora a partir do devido afastamento temporal, nos permitem visualizar seus permanentes equívocos e traçar paralelos com as atuais iniciativas de redenção de indivíduos pobres.

É possível dizer que ainda na colônia as primeiras iniciativas propostas pelos portugueses aos indígenas estavam baseadas na troca, justa aos olhos dos invasores, de imensas quantidades de matérias-primas de alto valor no mercado europeu por utensílios sem qualquer valor além da curiosidade imediatista por objetos ofertados por agentes externos aos seus grupos. Perfumes, espelhos e bebidas alcoólicas eram oferecidos em troca de significativos carregamentos de pau-brasil. Propostas de reorganização do ordenamento sociocultural e político das sociedades indígenas também foram ofertadas como forma de

integração à nova realidade. Verdadeiros núcleos urbanos, as reduções ou missões foram pensados e postos em funcionamento pelos religiosos europeus na América portuguesa. As reduções logo se mostraram ineficazes dadas as disputas entre religiosos e latifundiários pelo imenso contingente de mão de obra que poderia representar os indígenas. Ademais o ajuntamento num mesmo espaço de povos com percepções culturais tão diversas, suas rivalidades históricas e sua inexistente resistência aos agentes virais trazidos pelos europeus demonstraram o equívoco dessas experiências.

Durante o Império, as práticas de tentativa de inserção social permaneceram, e se iniciou, incisivamente, a institucionalização da chamada infância desajustada. Foram criadas instituições como as Colônias Agrícolas, as Colônias Industriais e os Asilos de Órfãos Desvalidos, todos eles com o objetivo de internar, recuperar e devolver jovens infratores à sociedade. Aqui, um fato trouxe significativas preocupações ao nascente Estado imperial brasileiro: a promulgação no ano de 1870 da Lei do Ventre Livre. Como a sociedade brasileira desenvolveria mecanismos para lidar com filhos livres de mães escravas? Uma observação apenas um pouco mais minuciosa nos demonstra como essa lei, criada pelo próprio Estado, contribuiu significativamente para o acirramento das questões envolvendo a exclusão de crianças pobres na sociedade brasileira. Aos filhos das escravas nascidos a partir daquela data eram ofertadas duas possibilidades. A primeira: essas crianças seriam criadas pelos proprietários de suas mães e aos oito anos de idade teriam sua guarda transferida ao estado mediante indenização aos proprietários de suas mães. A segunda: utilizar a mão de obra dessas crianças até a idade adulta, 21 anos, e depois abandoná-las à própria sorte. A criança pobre tornou-se objeto de políticas públicas. Se, por um lado, projetava-se no Império a criação de um Estado forte e promissor, por outro lado, nossas crianças passaram a ser fonte de problemas. Cabe dizer, ainda, que nesse período, século XIX,

o termo menor era corriqueiramente utilizado na legislação penal para identificar e classificar os indivíduos que não houvessem completado 21 anos de idade.

Na República, nos dias atuais, nos deparamos com o objeto desse texto. Iniciativas sociais cujo objetivo é a reinserção de crianças pobres, em situação de risco social, utilizam a música e a dança como instrumentos. Tais iniciativas são facilmente encontráveis. Nos canais de televisão, somos expostos, com frequência, a noticiários e propagandas entusiastas de programas desse tipo, desenvolvidos em setores urbanos ocupados por populações economicamente vulneráveis e que se apresentam como ferramentas conclusivas de alteração de *status* social. Tais iniciativas se estruturam na organização de grupos numerosos de jovens em torno do aprendizado da confecção de tambores e demais instrumentos de percussão a partir da reciclagem de materiais. Nessas iniciativas, os participantes são instruídos, sob o pretexto de se apropriarem de suas supostas raízes culturais, no aprendizado de ritmos, coreografias e vestimentas de inspiração afro.

Propostas desse tipo encontram eco, também, dentro da academia. Numa rápida e superficial pesquisa no Scielo, nos deparamos com ferrenhos defensores de projetos sociais que se esmeram em ensinar jovens pobres a bater latas. Exemplos disso são encontrados em diversos artigos que se dedicam a demonstrar como empreendimentos sociais que utilizam a arte, ou bater em latas, podem gerar mudança social. Estruturados em frágeis conceitos, como o de empreendimentos sociais, pesquisadores se esforçam no sentido de demonstrar, a partir de metodologias diversas e igualmente frágeis, que é possível realizar mudança social a partir dos benefícios advindos do aprendizado de bater em latas. Um exemplo encontra-se num artigo de 18 páginas no qual contabilizamos 27 vezes a expressão mudança social sem qualquer fundamentação teórica ou exposição empírica que demonstre a rigidez das estruturas de

determinados agrupamentos sociais. Some-se a isso, nesses casos, a igual ausência de debates acerca de teorias de mudanças sociais.

## II

Podemos fazer a seguinte pergunta: as propostas de projetos de resgate social de jovens em situação de risco através da música de fato são capazes de gerar emancipação? Karl Marx apresenta discussões acerca do conceito de emancipação em diversos de seus textos. No entanto, podemos afirmar que na obra intitulada “Sobre a Questão Judaica” (2010) encontram-se suas principais reflexões a respeito. Seu desenvolvimento está alicerçado numa subdivisão que se compõe de emancipação política e emancipação humana. Ambas partem do princípio de que a emancipação desenvolve-se a partir de um processo social possuidor de um inseparável vínculo com a busca por um modelo capaz de se sobrepor a modelos hegemônicos. Claro, a luta de classes é a via proposta para se alcançar essa emancipação.

Acreditamos que ensinar garotos pobres, quase todos negros, a bater latas contribui para a geração de uma incapacidade de leitura de mundo dos envolvidos, na medida em que se lida com questões ligadas a arte e a cultura da mesma maneira com que lidam os setores sociais com os quais, pretensamente, tais projetos propõem romper, já que são esses setores os geradores da exclusão que pretendem combater.

Vejamos, brevemente, as discussões propostas por um dos integrantes da chamada Escola de Frankfurt, Hebert Marcuse. Para esse autor, a atual hegemonia de padrões de comportamento social, impetrada por uma classe social de origem burguesa e industrial, levou a uma resignificação de elementos culturais responsáveis pela estruturação de valores representativos de um conjunto moral e ético de determinados grupos sociais (MARCUSE, 1964) Ainda segundo o autor, a cultura é continuamente redefinida segundo a ordem social dominante

em determinado contexto histórico (MARCUSE, 1969). Portanto poderíamos dizer que os tambores, tão utilizados nos projetos sociais que se utilizam da arte como forma de reinserção social de jovens socialmente marginalizados, foram esvaziados de seu significado. Todas as sociedades africanas lidaram com os tambores da mesma maneira? A festa e a integração social foram os únicos momentos em que os tambores foram utilizados? Tambores oprimiam? Tambores e seus variados ritmos excluíam, uma vez que exprimiam particularidades de determinados grupos? Tambores anunciavam a guerra? Tambores marcaram o ritmo das tropas nos campos de batalha? Tambores contestavam?

Entendemos que o bater latas está ligado ao exercício de produção de música. Mas a música pode por si só levar a mudanças sociais? A música utilizada como ferramenta de alteração de realidades objetivas de vida não deveria ser analisada em suas funções sociais? Música oprime? Música pode ser geradora de alienação no sentido marxiano? Acreditamos que sim, sobretudo se observarmos as teorizações acerca dos usos e da função social da música.

Alan Merriam, em sua “Antropologia da Música”, publicada na década de 1960, apresenta aquilo que denominou as funções sociais para a música. Cabe dizer que esse trabalho é referência, ainda que para revisões, e base para novas propostas de ensino de música, nos dias de hoje. Aliadas ao esvaziamento de significado proposto para as artes, por Marcuse (1968), nos ajudam a sustentar nosso ponto de vista. Tais funções são: a) função de impor conformidade às normas sociais e, b) função de contribuição para a integração da sociedade. É possível encontrar, sem muito esforço, em discussões relativas ao meio do ensino de música, proposições que afirmam e apontam para a imensa variação de estilos e funções musicais.

Ainda referindo-se à educação musical de crianças e jovens, principalmente como foco na escola, a autora alerta

que os estilos e funções musicais variam muito, e poderia ser uma irresponsabilidade nossa negar à criança um mínimo de exposição e instrução nesse sentido. Uma dieta musical nunca é simplesmente balanceável: temas da Disney ou da MTV dão prazer, mas compreendem e revelam apenas algumas das esferas e funções que a música é capaz de expressar. Juntamente com a música de entretenimento, a criança merece conhecer que tipo de música é usada para trabalho ou culto, para isolamento e meditação, para trazer solidariedade a uma comunidade e para transmitir emoções que variam de pesar a exaltação. A criança é capaz de entender a música de seu tempo e lugar, tanto quanto pela história como por várias outras culturas, ganhando, assim, um maior discernimento intelectual via essas explorações (CAMPBELL, 1998, p.182)

A partir do que foi proposto acima, acreditamos que ensinar garotos pobres, quase todos negros, a bater latas é negar-lhes a compreensão da música em suas mais diversas potencialidades. Propor a essas crianças a estruturação de suas identidades a partir do reforço de sua ascendência afro é, igualmente, negar-lhes a compreensão de toda uma cultura e suas múltiplas possibilidades. Apresentam-lhes uma África unidimensional. Caberia, aqui, uma outra pergunta: de que África estão falando? Ensinam sobre as ferrenhas lutas dos movimentos de resistência africana, nos diversos processos de independência daquelas nações? Ensinam sobre os grandes nomes da música de protesto africana? Ensinam sobre Miriam Makeba? Um continente inteiro é reduzido a tambores e roupas multicoloridas. Que expedientes as nações africanas estão desenvolvendo para superar as consequências de seguidos séculos de colonialismo? Ensinam seus jovens a bater tambores? Sabemos todos que muitas das nações daquele continente firmam parcerias

com consolidadas instituições de ensino superior brasileiras a fim de estruturar suas universidades. Sabemos, também, que nações inteiras no continente africano direcionam esforços no sentido de construir instituições sólidas para sustentar suas recentes democracias. Quais seriam as reais intenções de projetos sociais que se apresentam como potenciais alteradores de rígidas estruturas sociais alicerçados em práticas tão frágeis? Tais expedientes seriam realmente eficazes? Vejamos a real situação da população negra brasileira.

### III

O que nos dizem os atuais indicadores sociais sobre a condição da população negra brasileira? Dados publicados pelo DIEESE, através do Sistema PED – Pesquisas de Emprego e Desemprego – no ano de 2012, nos fornecem a possibilidade de visualizar a realidade da população negra brasileira dentro do chamado mundo do trabalho. A pesquisa apresenta dados sobre Brasília e regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo e constata que, apesar da redução das desigualdades ao longo das últimas décadas, ainda é possível verificar a existência de diferenças extremamente significativas em condições de trabalho acessíveis a negros e não negros. Segundo esse estudo, no ano de 2011, os negros compunham, aproximadamente, dois terços da População em Idade Ativa (PIA) e da População Economicamente Ativa (PEA). No entanto, esse mesmo estudo demonstra que os negros são maioria absoluta em ocupações precárias, cuja característica primeira é a inexistência de mecanismos de proteção social, jornadas de trabalho significativamente mais extensas e conseqüente remuneração mais baixa.

No que diz respeito aos dados relacionados ao desemprego, observa-se que o número de negros desempregados é sempre superior ao número de negros ocupados, bem como ao conjunto da população economicamente ativa.

Ao expor os dados segundo variáveis de raça/cor e sexo, observamos que as mulheres negras apresentam as maiores taxas de desemprego se comparadas aos demais grupos. São mais atingidas pelo desemprego do que os homens negros e não negros. Bastante reveladores são os dados relativos a determinados nichos do mundo do trabalho ocupados majoritariamente por negros. Ainda segundo o Sistema PED, setores como a construção civil e os serviços domésticos, nos quais se observam menores exigências de qualificação, relações de trabalho mais precárias e, conseqüentemente, menores remunerações, apresentam seus postos ocupados, em sua significativa maioria, por negros.

A situação atual das populações negras brasileiras é o resultado de um processo histórico extremamente complexo e já bastante demonstrado por trabalhos de grande fôlego teórico e metodológico realizados por historiadores das mais diversas regiões do Brasil (HASENBALG, 1999; CARONE, 2002; CAVALHEIRO, 2001). Combater tal complexidade com propostas que manuseiam a música e seu ensino de maneira frágil nos parece lançar mão novamente de velhos expedientes de dominação e alienação. Grandes grupos econômicos ofertam farto suporte econômico a muitos empreendimentos sociais cuja metodologia primeira é ensinar meninos pobres a bater latas. São facilmente detectáveis iniciativas desse tipo próximas de grandes aeroportos. Objetivo? Retirar da exclusão jovens moradores de áreas urbanas pouco valorizadas, localizadas próximas dos seus limites. Por que não ofertar cursos de capacitação/qualificação para o trabalho em espaços aeroportuários? Ao invés disso o que se observa são garotos pobres moradores próximos de aeroportos sendo atendidos por programas de reinserção social que lhes ensinam a bater latas. A mesma dinâmica pode ser encontrada em empreendimentos sociais próximos de atividades de mineração em grande escala. Não são ofertados cursos, por exemplo, de manuseio de equipamentos envolvidos nos processos de prospecção e mineração.

Por fim, Caetano, com a maestria que lhe é peculiar, narra/canta cena do real imaginário brasileiro na música “Haiti” que se passa no Pelourinho, Salvador, ou em qualquer outra região central de qualquer cidade brasileira, e que é capaz de nos demonstrar com precisão a situação de homens pobres, que um dia já foram meninos, quase todos negros. Não sabemos dizer se algum dia algum deles já bateu latas em algum empreendimento social.

Quando você for convidado pra subir no adro da Fundação Casa de Jorge Amado pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos, dando porrada na nuca de malandros pretos, de ladrões mulatos e outros quase brancos tratados como pretos só pra mostrar aos outros quase pretos (e são quase todos pretos) e aos quase brancos pobres como pretos como é que pretos, pobres e mulatos e quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados (CAETANO VELOSO, 1993).

## Referências

CAMPBELL, P. S. **Songs in their heads**. New York: Oxford University Press, 1998.

CARONE, I. (Org.). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**. Repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

HASENBALG, C. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

MARCUSE, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro:

Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo: 2010.

MERRIAM, A. O. **The antropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

VELOSO, C. Haiti. In: **Tropicália 2**. Rio de Janeiro, WEA, 1993. 1 CD, (47 min)